



SERRANA

Drama lyrico

VERSOS DE

H. LOPES DE MENDONÇA

VERSÃO ITALIANA DE

CEŠAR FERREAL

MUSICA DE

ALFREDO KEIL



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

Travessa do Sacramento, ao Carmo, 3 a 7

1899

SERRANA

DRAMA LYRICO
EM TRES ACTOS

Versos de

DRAMMA LIRICO
IN TRE ATTI

Versi di

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Versão rhythmica italiana de || Versione ritmica italiana di

CESARE FERRELLI

MUSICA DE

MUSICA DI

ALFREDO KEIL



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO
Travessa do Sacramento, ao Carmo, 3 a 7.

1899



PERSONAGENS

ZABEL — Serrana.....	<i>Soprano dramatico</i>
PEDRO — Campones de Alfatêma.	<i>Tenor</i>
MARCELLO — Idem da Malhada...	<i>Baritono</i>
NABOR — Velho maioral.....	<i>Basso</i>
ANDRÉ — Cantador.....	<i>Segundo tenor</i>
MANUEL — Aldeão da Malhada. .	<i>Segundo baritono</i>
UM PASTOR.....	<i>Segundo tenor</i>

*Campones e Campones da Malhada
Homens da aldeia de Alfatêma — Soldados — Fiardeiras.
Pastores, etc.*

*A scena passa-se nos arredores
da aldeia da Malhada, na Serra da Estrella*

EPOCA 1820



PERSONAGGI

ZABEL, serrana (montanara).....	<i>Soprano dramatico</i>
PEDRO, contadino d'Alfatema....	<i>Tenore</i>
MARCELLO, contadino di Malhada	<i>Baritono</i>
NABOR, vecchio pastore.....	<i>Basso</i>
ANDRÉ, cantatore.....	<i>Secondo tenore</i>
MANUEL, villico di Malhada. . .	<i>Secondo baritono</i>
UN PASTORE.....	<i>Secondo tenore</i>

*Contadini e contadine di Malhada.—Gente del villaggio
d'Alfatema. — Soldati.
— Filatrici. — Pastori, ecc., ecc.*

*La scena nei dintorni del villaggio di Malhada,
nei monti d'Estrella,
provincia della Beira-Baixa nello Portogallo.*

EPOCA 1820



ACTO I

Arredores pittorescos de uma aldeia; ao fundo uma er-
mida meio occulta aos olhos do espectador. À direita
a entrada de uma tasca com alpendre, parreiral, me-
sas e bancadas: á esquerda vê-se parte de uma ponte
sobre uma ribeira que desce em torrente pela serra.

SCENA I

*MANUEL e alguns camponezes sentados a uma mesa,
bebendo. — NABOR junto d'elles, em pé. — Outros
camponezes formam grupos, um pouco mais distantes.*

CAMPONEZES

Já se ergue o sol na crista da montanha.
É quasi hora de festa...

UM GRUPO

Festa rija!

MANUEL, levantando-se

E mais rija ha de ser nossa campanha,
Quando a malta de além...

TODOS

A d'Alfatêma...

MANUEL

Á ponte se dirija...

CAMPONEZES

Villãos!

MANUEL

Para insultar-nos...

CAMPONEZES

Essa turba infernal!

MANUEL

Lancou-nos Pedro odioso desafio
De varrer o arraial.

CAMPONEZES

Pois que venham p'ra cá esses valentes,
Mais o seu maioral!

MANUEL

Dar-lhe-heis vós que fazer, rapaziada!



ATTO PRIMO

Dintorni pittoreschi d'un villaggio; nel fondo un ermi-
taggio quasi occulto allo spettatore. A diritta per-
golato ed entrata d'una taverna con banche, tavola
e sedie: a sinistra parte d'un ponte sopra un torrente
che scende dai monti. Mattino.

SCENA I

*MANUEL e contadini seduti e bevendo. — NABOR con
loro, in pie—Altri formano gruppi, un poco più distante*

CONTADINI

Già spunta il sol, lassù dalla montagna...
Quasi è l'ora di festa...

UN GRUPPO

Bella festa!

MANUEL, alzandosi

E più bella sarà nostra campagna,
Quando color di là...

TUTTI

Quei d'Alfatema...

MANUEL

Si dirigano al ponte...

CONTADINI

Villani!

MANUEL

Ad insultarci...

CONTADINI

Trema!... trem!...
Quella turba infernal!...

MANUEL

Pedro lanciò su noi gl'insulti odiosi...
Scacciarci ei vuole ancor!...

CONTADINI

Che vengano tutti alfin quei valorosi
E il capitano lor!

MANUEL

Da far daretè a quella turba rea.

CAMPONEZES

Fiquem sabendo então que os da Malhada
Nunca viram ninguém que os amedronte!

MANUEL

Por S. Silvestre, nosso padroeiro,
Esse rebanho gafo e o seu rafeiro
Hão de ficar na ponte!

CAMPONEZES

Por S. Silvestre! não de ficar na ponte!

NABOR, *intervindo*

Deixae para longe as bulhas,
Rapazes! pensae na festa!
Acabe a ideia funesta
Que exalta um rancor feroz!

MANUEL E CAMPONEZES

Que dizes tu, Nabor?

NABOR

Tomae juizo!

Esse odio entre as aldeias é preciso
Que se extinga de vez.

MANUEL

Tu sabes como o Pedro...

NABOR

Anda raivoso

Contra o nosso Marcello... Mas bem vês!
É questão entre os dois...
Historias de mulheres!
Não nos mettamos pois
Em coisas com as quaes não temos nada.

MANUEL

Cal'te d'ahi, velhote, que o Marcello
É cá da nossa aldeia, da Malhada.

CAMPONEZES

Muito bem, muito bem!

NABOR

Pois deve ter juizo, elle tambem...
Por terras do Brazil deixando a Europa,
Já que leva a cachopa,
Esqueça-se que Pedro a amou um dia...

MANUEL E OUTROS, *com energia*

É certo! ha de pagar
Bem caro essa ousadia!

A Nabor

Ha de pagal-a, velho!

NABOR

Preceito é do Evangelho
Offensas perdoar.

SCENA II

Os mesmos, MARCELLO, que ouviu as ultimas palavras,
entrando do fundo

MARCELLO, a Nabor
Isso nunca!

CONTADINI

Che seppano che noi, quei di Malhada,
Nessun giammai indietreggiar facea.

MANUEL

Per San Silvestro, il nostro protettore,
Quel vil armento, con il suo pastore,
Rinraranno sul ponte!

CONTADINI

Per San Silvestro! rimaran sul ponte!...

NABOR, *frammettendosi*

Pace, amici, almen per ora...
Non pensate che alla festa!...
A scordar l'idea funesta...
Il rancor deve finir!...

MANUEL E CONTADINI

Che dici tu, Nabor?

NABOR

Su via... giudizio!...

Quest'odio fra i villagi, amici miei,
Deve cessar in ver!

MANUEL

Ma Pedro... tu lo sai...

NABOR

Egli è furioso

Contro il nostro Marcello, ma ben vedi,
É un affare fra lor,
Affar sempre di donne!
Non mischiamoci poi
Di quel che a fine poco importa a noi!

MANUEL

Ma taci... tu non sai, che lui... Marcello
E del nostro villaggio... di Malhada?

CONTADINI

Ha ragion... ha ragion!...

NABOR

Ma deve esser prudente, lui ancor!
E se lasciando Europa, la fanciulla
Al Brazil va con lui,
Deve scordar che un di Pedro l'amava!...

MANUEL ED ALTRI, *con energia*

É ver... e dee pagar
Ben caro tanto osar!

A Nabor

Lo pagherà, vedrai...

NABOR

Esige l'Evangelio
Lé offese perdonar!

SCENA II

I precedenti, MARCELLO che udì le ultime parole;
entrando dal fondo

MARCELLO, a Nabor

Questo... mai...

TODOS

Eh! Marcello!

MARCELLO, *tomando Nabor á parte*

Tu zombas,

Não conheces minh'alma, Nabor!

Na montanha ha só aguias, não pombas;

Companheira é a raiva do amor!

Os camponezes afastam-se um pouco para o F.

NABOR

Ah! porque has de no sangue fraterno

Ensopar, ó Marcello! esse amor?

À velhice dos maus, negro inferno

De remorsos prepara o Senhor!

MARCELLO, *baixo a Nabor*

Basta, meu velho, basta. Tu não sabes

O que é sentir o peito estrafegar-se

Nas ancias do ciúme!

NABOR

Acaso eu não fui moço?

MARCELLO

Ha longo tempo!

NABOR

E ainda sinto o coração queimar-se
Nas cinzas d'esse lume.

MARCELLO

Fundas memorias

Do amor passado

Inda a meu lado

Sente a Zabel.

Quando na proxima

Viagem pensa,

Saudade immensa

A punge, infiel!

NABOR

Saudades são da patria!

MARCELLO, *duvidoso*

Possã eu crel-o!

NABOR, *quasi em segredo*

Mas tu, mas tu, Marcello!

Tu, cujo vinho espuma nas adegas,

Tu, que tens o celleiro transbordante,

Tu, que possues no lar mulher galante,

Que empenho te seduz

De procurar longinquas

Terras de Santa Cruz?

MARCELLO, *febrilmente*

De riquezas sem fim, de opulencia,

Vasta fonte se encontra além-mar!

N'esse luxo que encanta a existencia

Ancias quero de goso estancar!

NABOR

Mas se em rixa cruenta a existencia

Com teus sonhos de gloria findar?

*Os camponezes que estavam ao fundo começam a
approximar-se.*

TUTTI

É Marcello!...

MARCELLO, *in disparte a Nabor*

Tu scherzi...

Non conosci quest'alma, Nabor!...

Lassù l'aquila, non la colomba,

Stende il vol, ed ho l'odio nel cor!

I contadini allontanansi un poco verso il fondo.

NABOR

Ma perchè tu nel sangue fraterno

Vuoi, Marcel, quest'amore macchiar!

Il rimorso, che vien dall'inferno,

L'esistenza ti vedo straziar!

MARCELLO, *somessamente a Nabor*

Basta, vegliardo... basta... tu non sai

Qual è l'ardor, che in me stesso accende

Il mio geloso amor!

NABOR

Ma giovine non fui?

MARCELLO

Son già tanti anni!

NABOR

E nuova fiamma sento mi riprende,

A quei ricordi ancor!

MARCELLO

Care memorie

Del scorso amore...

Chiama il mio cuore

La mia Zabel!

Quando nel prossimo

Viaggio pensa,

Che doglia intensa

Per l'infedel!

NABOR

Doglia sol della patria!...

MARCELLO, *dubitando*

Ah! se il credessi!

NABOR, *quasi in secreto*

Ma tu, ma tu, Marcello,

Tu ricco di buon vino spumeggiante,

Tu ricco d'ogni avere e di ogni cosa,

Tu ricco d'una donna si galante,

Dimmi, perchè vuoi tu

Così lunge viaggiar,

Ed al Brasil andar?...

MARCELLO, *febrilmente*

Di ricchezza, di fausto, opulenza,

Fonte immensa s'incontra oltre il mar,

Nei tripudii di nuova esistenza,

Nuovi affetti vi voglio cercar!

NABOR

Ma se in rissa fatal, l'esistenza

E i tuoi sogni di gloria cessar?

I contadini che stavono nel fondo cominciano ad avvicinarsi.

MARCELLO, *com expressão rancorosa*
 Esta raiva que me inflamma
 Deixará rasto fatal!
 Hei de encher este arraial...
 Morra o homem, fique a fama!

Os camponezes escutam com enthusiasmo.

MANUEL E CAMPONEZES
 Viva Marcello! Viva
 O nosso maioral!

MARCELLO
 E enquanto além não surge o bando inteiro
 Dos bravos de Alfatêma, ó taberneiro!
Dirigindo-se ao taberneiro que está á porta da tasca.

Destapa esse batoque,
 Despeja esse tonel!

MANUEL E CAMPONEZES
 Que o vinho choque, choque,
 Transborde no pichel!

O taberneiro serve os camponezes.

NABOR, *com doçura, a Marcello*
 Porque em fúrias tu'alma se deleita?
 Ah! se é benigno o sol, farta a colheita,
 Afoga n'este vinho o teu rancor
 E canta alegre só de amor!

MARCELLO
 Sim! que me inspira este licor!
Empunha o pichel que Nabor lhe offereceu, e entoa a canção. Todos cercam Marcello.

Eva, lá no Paraizo,
 Uma vide quiz plantar;
 Envolveu-a n'um sorriso,
 E o seu pranto a foi regar.
 Sobre o tronco, d'improviso,
 Os botões fez rebentar.

Logo apoz, d'estes bacellos
 Cachos d'ouro viu brotar...
 Em licor veio a bebel-os,
 Espremido no lagar,
 Louro como os seus cabellos,
 Doce como o seu olhar!

Espumante e bemfazejo
 Chega aos labios o licor...
 Cada sôrvo é como um beijo
 Corre o vinho, brota amor!

TODOS EM CORO
 Cada sôrvo é como um beijo,
 Corre o vinho, brota amor!
Ouvem-se fóra as rebecas e os violões; os camponezes correm ao fundo.

MANUEL
 A nossa aldeia chega!

CAMPONEZES
 Venha embora!

MARCELLO, *com rancore*
 Quest'amor che in me si desta,
 Fatal solco lascierà!...
 Il villaggio lo vedrà...
 Muore l'uom, la fama resta!...

I contadini ascoltano con enthusiasmo.

MANUEL E CONTADINI
 Viva Marcello!... evviva
 Il nostro capitan!...

MARCELLO
 E mentre di là viene il bando intier
 Dei bravi d'Alfatema, a bere... a ber!...
Si dirige al taverniere che stà sulla porta.

Aprici un buon baril,
 Versaci da bèver!

MANUEL E CONTADINI
 Ed il licor gentil
 Travàsi dal bicchier!
Il tavernier serve i contadini.

NABOR, *con dolcezza, a Marcello*
 Perchè nell'odio si diletta il core?
 Che se benigno è il ciel, ricche le messi,
 Dimentica nel vino ogni rancore,
 E canta e canta amor!

MARCELLO
 Sì, che m'ispira il bel licor!
Prende il boccale che gli offre Nabor e comincia la canção. Tutti attorniano Marcello.

Eva, là nel Paradiso,
 Una vite vuol plantar!
 E l'involva in un sorriso,
 E i suoi pianti la bagnar!...
 Sovra i tralci d'improviso
 I germogli fea spuntar...

Ed i grappoli ingemmati
 Presto vide maturar!
 In licore transformati
 Le sue labbra il delibar!
 Come il biondo crin dorati,
 Dolci come il suo guardar!

E spumante e benedetto
 Viene al labbro il buon licor,
 Ogni sorso è come un bacio,
 Scorre il vino, nasce amor!...

TUTTI
 Ogni sorso è come un bacio
 Scorre il vino, nasce amor!
Si sentono i violini e le viole: i contadini accorrono al fondo.

MANUEL
 Tutto il villaggio vien...

CONTADINI
 Ch'ei venga pure!

ZABEL E MAIS RAPARIGAS, *fóra*

Nascida no meio da serra,
É mais resistente a flôr,
E no peito das serranas
Tem mais raizes o amor.

Marcello escuta, enleiado, a voz de Zabel.

NABOR, *baixo a Marcello*
Afasta esse odío cruel,
Marcello!

MARCELLO
D'essa turba encantadora
Só escuto a Zabel!
Ai! como a sua voz tremula chora!

SCENA III

*Os mesmos, ZABEL, toda a gente do logar que vae para
o arraial, entrando D. A.*

AS CANTADEIRAS

Nascida no meio da serra,
É mais resistente a flôr,
E no peito das serranas
Tem mais raizes o amor.

OS HOMENS E MAIS POVO

Folgar sem medo, rapazes!
Folgar, folgar, camponezas!
É hoje dia de festa,
Amanhã virão tristezas.

CORO DE MULHERES, *destacando-se do mais povo, batem
nas mesas chamando o taberneiro*

Viva a festa do nosso padroeiro!
Vinho, quer-se mais vinho, ó taberneiro!

Os homens riem.

ZABEL, *a Marcello que se tem conservado sentado desde a
entrada do coro*

Só tu, no meio d'alegria tanta,
Ainda não sorriste!

MARCELLO, *com mau modo, levantando-se*
Deixa-me!

Mudando de tom.

Não! Vem cá! Sorri-me! espanta
Dos meus enleios o rebanho triste.

Chega-se á mesa.

Quero vinho tambem; vinho ao Marcello!
Corra ahí vinho a rôdo!
Eia, enxuguemos todo
O da tasca!

HOMENS

Juramos nós bebel-o!

MANUEL

E para de alegria encher o mulhero,
É preciso que alguem nos cante ao desafio.

HOMENS E CANTADEIRAS, *apontando para Zabel*
Zabel! Zabel!

ZABEL

Pois vá! E o cantador quem é?

ZABEL E COMPAGNE, *dentro*

Nativo dell'aspra montagna
É più resistente il fior:
Le belle figlie dei monti
Sempre eterno han l'amor!

Marcello ascolta estatico la voce di Zabel.

NABOR, *somessamente, a Marcello*
Caccia l'odio crudel...
Marcello!...

MARCELLO

Fra lor tutti, solo ascolto
La gentile Zabel!
Come la voce sua tremula piange!...

SCENA III

*Gli stessi, ZABEL e la gente tutta del villaggio che va
alla festa, entrando dalla diritta*

CANTATRICI

Nativo dell'aspra montagna
É più resistente il fior...
Le belle figlie dei monti
Sempre eterno han l'amor!

UOMINI E GENTE DEL VILLAGGIO

Gioir, amici e compagni...
Gioir! gioir .. su... fanciulle...
È giorno oggi di contento...
E doman Dio.. lo dirá!

CORO DI DONNE, *staccandosi sempre dagli altri, schiamaz-
zando, chiamano l'oste*

È la festa del nostro protettore;
Vino vogliam del buono e del migliore!
Gli uomini ridono.

ZABEL, *a Marcello che rimase seduto fino dall'entrata
del coro*

Sol tu, fra tanta e tanta gioia nostra
Non sorridesti ancor!...

MARCELLO, *sgarbatamente, alzandosi*
Lasciami...

Cambiando il tono

Non... vien qua... sorridi... scaccia
Dei miei dolori il lugubre corteo!...

S'avvicina alla tavola.

Voglio vino io pur... vino a Marcello ..
Scorra abbondante il vino...
Noi tutto il beberemo...

Al'oste

Olà... vien qua...

UOMINI

Di berlo noi giuriamo!

MANUEL

Per allietar le donne, convien che alcuno cante
Uno stornello a due, in questi tristi istanti...

UOMINI E DONNE, *indicando Zabel*

Zabel! Zabel!...

ZABEL

Ebben! chi mi responderà?...

MANUEL

Lá para responder-te é que ninguém!

MULHERES E HOMENS, *apontando para André*
André!*Destaca-se de um grupo André com guitarra; seguem-no outros camponeses também com guitarras. Marcello e Nabor sentam-se junto de uma mesa.*

ZABEL.

Chamam-me rosa nos montes,
Nos montes onde eu nasci;
Toma cuidado co'a rosa
Que tem espinhos p'ra ti.Como a rosa das campinas
Tem abrolhos a mulher;
Attrae muito o seu perfume,
Mas faz mal a quem a quer!*O coro repete a segunda quadra.*ANDRÉ, *respondendo-lhe*Chamam-lhe rosa nos montes,
Nos montes onde nasceu;
Quem déra só para tel-a
Fortuna e vida, sei eu!Enchê minhas mãos de sangue,
Quando te quiz apanhar;
Mas conheço quem primeiro
Te colheu sem se arranhar.MARCELLO, *interrompendo e dando um murro na mesa, levanta-se*Não quero mais cantigas,
Ou vae já tudo raso!*Admiração geral. Zabel fica atemorizada; Nabor tenta socegar-a.*CORO DE MULHERES, *a Zabel*

Deixa! não faças caso!

MARCELLO, *às mulheres*
Caluda, raparigas!*A Zabel.*

Eh! Zabel! para aqui!

CORO GERAL

Caso estupendo!

TODOS, *a Marcello que ficou pensativo*
Porque te zangas tu?

MARCELLO

Eu cá me entendo.

*Aparte.*A cada nota de um tal descante
Eu sinto já
Que uma lembrança do antigo amante
Lhe surgirá.*As mulheres, formando grupo, combinam-se entre si.*

MANUEL

Nessun per replicarti?... vediam!

UOMINI E DONNE, *indicando André*
André qui stà!...*S'avanza da un gruppo André con la chitarra: seguono altri contadini con chitarre: Marcello e Nabor siedono insieme presso la tavola.*

ZABEL

Chiamanmi rosa nei monti,
Nei monti dove nascea!...
Ma guardati dalla rosa...
Che le spine avrà perte!...Qual le rose dei bei campi
Pur la donna sa far male...
Molce l'alito fatale...
Ma il dolor porta con se!...*Il coro ripete la seconda strofa.*ANDRÉ, *rispondendo*Chiamanla rosa nei monti
Nei monti dove nascea...
Lo chi daria per averla
Fortuna, vita, e l'onor!...La man di sangue intrisi
Quando còglierti volea;
Ma conosco chi primiero,
Ti cogliea... senza dolor!...

MARCELLO

Non voglio più stornelli
O tutti vanno fuori!...*Stupefazione generale. Zabel resta atterrita: Nabor tenta di calmarla.*CORO DI DONNE, *a Zabel*

Lascia... non dargli rêtta!...

MARCELLO, *alle donne*

Silenzio... donne... or via...

A Zabel

Eh! Zabel... vieni qu'à...*

CORO

Caso stupendo!

TUTTI *a Marcello che resta pensoso*
Perchè t'arrabi tu?...

MARCELLO

Io sol m'intendo!

*Aparte*Ciascuna nota di questo canto,
Io sento già,
Che il sovenire dell'altro amante
Ricorderà...*Le donne formano gruppo.*

AS MULHERES, *dirigindo-se a Marcello em tom de moça*

Senhor Dom Marcello,
Vamos convencil-o,
Não seja cruel!
Que vossa Excellencia
Deixe, por clemencia,
Cantar a Zabel!

OS HOMENS, *em áparte*

Na alma de Marcello
Já desponta o zelo
Da pobre Zabel!

As raparigas

Caluda! prudencia!
Que a menor pendencia
Póde ser cruel!

NABOR, *áparte*

Senhor, d'este zelo
Abranda o flagello
N'essa alma cruel!
Senhor! tem clemencia!
Aclara a demencia
Do bando revel.

CORO

A furia, Deus! vence-a,
Que acode em tropel!

ZABEL, *áparte*

O' serras gigantes! ó ceu cristalino!
Partir o destino — me ordena, que dôr!
Que fundas saudades! que triste viagem
Ao pé do selvagem — meu rude senhor!
Ai Pedro! liberta minh'alma dorida
Que apenas tem vida — no teu doce amor!

MARCELLO, *consentindo por fim*

Cante embora!

MULHERES, *comprimentando Marcello*
Graças! graças!

CORO GERAL, *a Zabel*

Viva a bella cantadeira!

Dispõe-se Zabel, André e o coro a recommençar o des-
cante, quando se sente um tiro além da ponte.

ALGUNS DO POVO, *ao fundo*

De Alfatema já se avista
A companha além no monte!

MARCELLO, *com entusiasmo*

Defendamos nós a ponte!

OS HOMENS

Hão de ter com quem lutar.

CORO GERAL, *muito animado*

A turba que avança
Deshonra nos traz!
Vingança! Vingança!
Que o braço não cança
Na guerra tenaz!

CORO DI DONNE, *dirigendosi a Marcello con irom*

Signor Don Marcello
Ve lo domandiamo,
Non siate crudel!...
Lasciate, Eccellenza,
In vostra clemenza
Che cante Zabel!...

CORO DI UOMINI, *a parte*

Nel cor di Marcello,
Geloso già freme
L'amor di Zabel!

Alle fanciulle

Tacete... prudenza!
Qualunque imprudenza
Sarebbe crudel!

NABOR, *a parte*

Signor, di quest'odio
Deh placa il flagel
Nell'alma crudel!
Signor, deh clemenza,
Inspira prudenza
Al bando rebel!

CORO

Signor! Tanta furia
Deh placa dal ciel!

ZABEL, *a parte*

Oh monti giganti! oh ciel cristallino!
Lo vuole il destino — partire dovrò!
Che tristi ricordi! che triste sentiero,
Riunita all'altero — mio rude signor!...
Oh Pedro! dell'alma m'uecide la pena!
Sei vita e catena — di questo mio cor!

MARCELLO, *alfine consentendo*

Canta pure!...

DONNE, *ringraziando Marcello*

Grazie!... grazie!...

CORO, *a Zabel*

Viva a te!... la cantatrice!...

Dispongonsi Zabel, André ed il coro a ricominciare,
quando si sente uno sparo di là dal ponte nel fondo.

UN CONTADINO, *dal fondo*

D'Alfatema già si vede
L'altro bando là dal monte!...

MARCELLO, *con entusiasmo*

Difendiamo tutti il ponte!

UOMINI

Ed avran con chi lottar!

CORO GENERALE, *molto animato*

La turba che avanza
Ci trae disonor
Vendetta. . vendetta . .
Che il braccio non ceda...
Mostriamo valor!

CORO DE MULHERES, aos homens

Deixae sem tardança
Tal ira fugaz!
Que a negra vingança
Peçonha só lança
Nas festas da paz.

PEDRO E OS SEUS, ao longe

Eia! bravos de Alfatêma!
Toda a serra nos approva:
Quem quizer lutar conosco
Falle ao chão, peça-lhe a cova.

Os da Malhada escutam-os com desdem.

MARCELLO, respondendo-lhes

Toda a serra aqui proclama
Que os valentes somos nós!
Tudo foge á nossa voz:
Morra o homem, fique a fama!

O coro de homens acompanha Marcello. Marcello com a sua gente corre para o fundo; apparecem os de Alfatêma na ponte.

COROS

—Viva a Malhada!
—Viva Alfatêma!
—Fóra a cambada!
—Que a corja trema!

SCENA IV

Os mesmos, PEDRO á frente dos seus, a meio da ponte, de clavina em punho

PEDRO, com ironia

Ah! coragem! Marcello, se és homem,
Não hesites, cá tens o rival!

MARCELLO, a Pedro

A Marcello pretendes que tomem
Por cobarde, poltrão, desleal?

ZABEL, á parte

Ai! que angustias de amor me consomem!

A Marcello

Não accites a lucta mortal!

NABOR, á parte, olhando para Zabel

Ai! que angustias de amor a consomem!

A Marcello

Não accites a lucta mortal!

PEDRO

Essa mimosa flôr, bandido, que roubaste
Nos alcantis da serra e ao longe vaes levar,
O rutilar dos soes ha de murchal-a n'haste,
Ha de roubar-lhe o aroma a brisa acre do mar.

MARCELLO, furioso

Ah! perro! sentirás, sósinho aqui na Europa,
O ciume a roer, tal como outr'ora a mim!
É minha, é minha só, minha agora, a cachopa!
Estremece de raiva, estrebuxa, mastim!

*Ameaça avançar. As mulheres mettem-se de per-
meio; accodem os soldados.*

CORO DI DONNE, agli uomini

Smettete quest'ira,
Quest'ira, oh dolor!...
La negra vendetta
Sol cangia la festa,
In lotta e furor!

PEDRO ED I SUOI, lontani

Olà... i bravi d'Alfatema
Tutto il monte ci applaude...
Chi vorrà lottar con noi,
Parli al suol, chiedo una bara!

Qui di Malhada ascoltano con disprezzo.

MARCELLO, rispondendo

Tutto il monte già proclama
Che noi siamo i vincitori!
Tutto fugge al nostro grido:
Muora l'uom, resti la fama!

*Il coro d'uomini accompagna Marcello.—Marcello con
suoi corre al fondo: si vedono sul ponte quei d'Alfatema.*

CORI

—Viva Malhada!
—Viva Alfatema!
—Fuori quel bando...
—Tremate costoro!...

SCENA IV

Gli stessi; PEDRO con i suoi in mezzo al ponte, con fucile

PEDRO, con ironia

Su coraggio, Marcel... se uomo sei,
Evitare non devi il rival!...

MARCELLO, a Pedro

É Marcello, tu credi... rispondi...
Un codardo, ed un vile sleal?

ZABEL, a parte

Ah! che angustia, mio Dio... mi consume

A Marcello

Non consenti la lotta mortal!...

NABOR, a parte, mirando Zabel

Ah! che angustia d'amor la consume!

A Marcello

Non consenti la lotta mortal!

PEDRO

Questo leggiadro fior, bandito, che rubasti
Ai nostri verdi monti, e lungi il vuoi portar,
Il rutilar dei soli gl'appassirà lo stelo,
Gli toglierà l'aroma la brezza acre del mar!

MARCELLO, furioso

Ah vile! tu qui solo, alfine sentirai
L'atroce gelosia morderti l'atro cor,
É mia, é solo mia Zabel, eternamente,
Muori di rabbia, cane, e muori di furor!

*Volendo avançar. Le donne pongonsi in mezzo. Accor-
rono soldati.*

PEDRO E OS SEUS

Avante, amigos meus! desarmemos a tropa!
Abaixo os valentões!

MARCELLO E OS SEUS

Morte ao villão ruim!

CORO DE MULHERES

Piedade! não queiraes buscar a morte assim!

Emquanto os da Malhada desarmam a tropa e as mulheres fogem para o lado da tasca, Marcello e Pedro desafiam-se e apontam as clavinhas.

MARCELLO

Veremos a quem
Pertence a florinha!

PEDRO

Nem tuá, nem minha!

ZABEL, *soltando um grito e collocando-se entre ambos*
Matae-me tambem!

Os dois abaixam as clavinhas. Os partidos hesitam. Grande silencio.

ZABEL, *a Pedro, a Marcello e a ambos os partidos*

Em nome dos paes, que á vida nos guiam,
Das tristes esposas, que em vós só confiam,
De ternos filhinhos, que em berço vos riam.
Recuae!

COROS, *recuando*

Veremos agora
O que d'isto sae!

OS DE ALFATEMA, *a Pedro*
Então que decides?

OS DA MALHADA, *a Marcello*
Contra elles não vás?

NABOR, *a ambos os partidos*
Ah! basta de lides!
Dementes! atraz!

ZABEL, *descendo com Marcello*

É louco o ciume, que ahi tumultua!
Bem vês! eu sou tua, — comtigo vou só!

PEDRO, *descendo tambem*

O infame recua,
A voz d'ella só!

MARCELLO
Rancor! á voz sua,
Dissipa-te em pó!

NABOR
Que Deus lhes influa
Nas almas o dó!

MULHERES
P'ra nós, não conclua
A festa no dó!

PEDRO E CORO

Avante, amici miei, disarmiamo costor!
Abbasso quei valenti!...

MARCELLO E CORO

Morte, morte a color

DONNE

Pietade! e non cercate la morte nell'orror!

Mentre quei di Alfaterna disarmano i soldati, e le donne fuggono dal lato della taverna, Marcello e Pedro si insultano ed appuntano i fucili.

MARCELLO

Vedrem di chi omai
Sarà quel bel fior!

PEDRO

Ne tua, ne mia... finor!

ZABEL, *con un gran grido si frappone*
Uccidimi ancor!

I due abbassano le carabine: i due gruppi èsitano: gran silenzio.

ZABEL, *a Pedro, a Marcello ed ai due gruppi*

In nome dei vecchi, che l'esser vi han dato,
Di tenere spose, che tanto hanno amato,
Del caro sorriso dell'ultimo nato,
Indiétro! ..

CORI, *indietreggiando*

Adesso vedremo
Che va succéder!

CORO D'ALFATEMA, *a Pedro*
Ebben che decidi?...

CORO DI MALHADA, *a Marcello*
Perché non andiam?...

NABOR, *alle due bande*
Dementi!... omicidi!..
Indiétro... finiam! ..

ZABEL, *discendendo com Marcello*

É stolto quell'odio che struggeti il core!
Lo vedi, son tua... con te partiró!...

PEDRO, *incontrandosi alla diritta di Zabel*

Ed alla sua voce
Calmava il furor!

MARCELLO

La sola sua voce
Inebriagli il cor!

NABOR

Che plachi ques'ira
Clemente il Signor!

DONNE CORO

Per noi che la festa
Non turbi il dolor

HOMENS, *ameaçadores*
A malta recua,
Reduza-se a pó!

Manuel e outros acercam-se de Marcello para combinar a questão da contenda, mas Marcello medita nas últimas palavras de Zabel.

ZABEL, *muito baixo a Pedro*
Adoro-te! do espirito
Afasta a sombra van!

Olhando em redor

À noite, em casa, espero-te...
Não faltes... amanhã!

PEDRO, *com intima alegria, áparte*
Meu Deus! Que raio fulgido
Me rasga emfim a treva!
A sua voz aos pincaros
Do ceu minh'alma eleva!

MARCELLO, *idem, áparte*
Como subtil relampago
Do ceu corta os negrumes,
Ella dissipa, rapido,
Os meus torvos ciumes.

NABOR, *áparte*
Se a formosura esplendida
Deslumbra um peito rude,
Para aplacar-lhe os insetos
Que Deus lhe dê virtude!

ZABEL, *a Pedro, áparte*
Contra o bandido, energica,
Minh'alma se rebella;
De ti, de ti, recorda-se,
Senhor sómente és d'ella!

PEDRO, *satisfeito, dirigindo-se aos seus*
Amigos, que desprezem vossos animos
F'acil combate aqui!

a Marcello

Graças lhe rende! essa moçoila pallida
Salvou os teus e a ti!

MARCELLO, *avançando, forcejando por se desembaraçar de Zabel e de Nabor que o seguram*
Atreves-te?... Deixae-me! Inda julgas que eu tema?

ZABEL E NABOR
Meu Deus!

CORO DA MALHADA
Viva a Malhada!

MARCELLO, *soltando-se*
Emfim!...

CORO DE ALFATEMA
Viva Alfatêma!...

Os dois partidos avançam um para o outro, travando-se entre alguns renhida lucta a cacete e a braço; de repente ouve-se o repicar dos sinos e um canto de mulheres ao longe. Nabor mette-se entre os dois partidos.

UOMINI, *minacciosi*
Già cedan costor
Al nostro valor!

Manuel ed altri avvicinansi a Marcello per combinare la contesa, ma Marcello medita sulle ultime parole di Zabel.

ZABEL, *sotto voce a Pedro*
T'adoro e da quest'anima
Fuggi timori insani!

Mirando intorno.

La notte in casa attendoti...
Non mancar... a doman!...

PEDRO, *con intima allegria, a parte*

Mio Dio, che raggio fulgido
Lassù dal ciel, vegg'io!...
L'accento suo rapiami!...
Cangiasi il viver mio!...

MARCELLO, *l'istesso a parte*

Come il baleno rapido
La nube oscura fende,
Scaccia dall'alma l'odio,
La pace in me discende.

NABOR, *a parte*
Se la bellezza splendida
Fascina il rude petto,
Placa, o Signore, gl'impeti
Di si possente affetto.

ZABEL, *a Pedro, a parte*

Contro il bandito, energico
Ribellasi il mio amore:
Solo di te ricordasi,
Solo di te, il mio cuore!

PEDRO, *soddisfatto dirigendosi ai suoi*
Amici, disprezzate, deh credetemi!
Si facile pugnar!

A Marcello

Grazie rendete... questa bella giovine
Tutti sapea salvar!

MARCELLO, *avançando e sforzandosi di sbarazzarsi di Zabel e Nabor che lo assicurano*
Ed osi ancor? mi lascia! o credi che ti temo?...

ZABEL E NABOR
Mio Dio!

CORO DI MALHADA
Viva Malhada!

MARCELLO, *sbarazzandosi*
Alfin!...

CORO DE ALFATEMA
Viva Alfatema!

Le due bande avanzano una sull'altra, lottando accanitamente a pugni e coi bastoni: ad un tratto si sente lo squillo delle campane ed un canto di donne lontano: Nabor si frappa fra le due bande.

NABOR, *intervindo*
Suspendei, dae treguas
Ao rancer fraterno!
N'essas almas lobregas
Faça luz o Eterno!

ZABEL
Aplaquem-se os odios!
N'um sentir mais terno!

PEDRO
Na minh'alma espalha-se
Um clarão superno!

MARCELLO
A minh'alma acurva-se
Ao poder do inferno!

Atravessam a scena, vindo pela ponte, diversos grupos de camponezes e creanças e de raparigas com fogaças á cabeça.

CORO, *que está em scena*
Lá chega a romaria!
E o padre mais atraz.

Todos se descobrem.

NABOR
Curvae-vos n'este dia
Perante o Deus de paz!

CORO FESTIVO, *que passa*
Salve! Santo Padroeiro!
Descerra aos teus afilhados
As mãos cheias de virtudes
E vasias de peccados!

Os que estão em scena entoam o mesmo coro. O cura apparece montado n'uma mula, segura pela arreata por dois camponezes.

CAE O PANNO.



NABOR, *intervenendo*
Cessate... date tregua
Al rancore fraterno...
In questi cori perfidi
Discenda alfin l'Eterno!

ZABEL
Si plachi alfin tant'odio
Al voler del Superno!

PEDRO
Ignoto in me ridestasi
Dolce un effluvio interno!...

MARCELLO
Soccombe già lo spirito
Al poter dell'Inferno!

Attraversano la scena venendo dal fondo diversi gruppi di villici, fanciulli e ragazze, portando focaccine sul capo.

CORO, *in iscena*
Già vien la romaria,
Il prete va con lor!

Tutti si scoprono.

NABOR
Pregate ed implorate
Di pace il Dio Signor!

CORO FESTIVO, *che passa*
Salve, Santo Protettore!
Le man stendi ai figli amati!
Piene son d'ogni virtude
E son scevre di peccati!

Quelli che stanno in iscena cantano lo stesso coro: il prete appare montato su d'una mula, scortato da due contadini che tengono le redini.

CALA LA TELA





ACTO II

Interior de uma casa abastada : porta ao fundo communicando com a escada exterior: á direita, grande janella: á esquerda, entrada para o outro quarto: arcaes ao fundo: uma mesa com candeia grande aceza, bancos. É noite: forma-se uma trovoadá na serra.

SCENA I

ZABEL e FIANDEIRAS

CORO DE FIANDEIRAS

I

Para fazerem um manto
A Senhora do Pilar,
Os anjos em rocas de ouro
Fiam raios de luar.

Fia, fiandeira,
O teu alvo linho,
Nãõ te fies nos homens
Que dão mau caminho.

II

O manto já estava prompto,
Faltava só enfeitar;
Os botões eram de estrellas,
A renda espuma do mar.

Fia, fiandeira,
N'essa linda roca;
Nãõ te fies no amante,
Que te beija a bocca.

ZABEL

Noite fechada quasi! Companheiras,
Dae por finda a tarefa, que é já tarde!

FIANDEIRAS, *levantando-se*
Deus te guarde, Zabel!

ZABEL

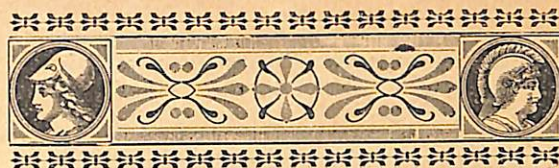
Que Deus vos guarde!

Abrem a porta. Fulge um relampago.

FIANDEIRAS, *recuando*
Santa Barbara!

ZABEL

Deus!



ATTO SECONDO

Interno d'una casa ricca: porta nel fondo communicando con la scala esteriore: a diritta grande finestra: a sinistra entrata di stanza: stipi nel fondo: una tavola con una grande lampada accesa: banche, cassone e baùli. É notte: formasi la tempesta sui monti.

SCENA I

ZABEL e le FILATRICI, *sedute intorno a Zabel*

CORO DI FILATRICI

I

Per far dono d'un bel manto
Alla Vergin del Pilar,
Serafini in fusi d'oro
Raggi di luna filâr!

Fila tu, fanciulla,
Il tuo bianco lino:
Degl'uomin diffida,
Che dan mal cammino.

II

Il manto già pronto stava,
Sol mancava l'adornar:
I fermagli erano stelle,
Ricami spuma del mar!

Fila tu, fanciulla,
Con la linda rocca:
Diffida l'amante
Che ti bacia in bocca.

ZABEL

La notte già s'avanza... mie compagne,
Il lavoro finisce: si fa tardi!

FILATRICI, *alzandosi*

Dio ti guardi, Zabel!

ZABEL

Vi guardi Iddio!

Apron la porta: balena un lampo.

FILATRICI, *indietreggiando*
Santa Barbara!..

ZABEL

Ciel!...

FIANDEIRAS, *persignando-se assim como Zabel*
«Magnifica, magnifica!»

ZABEL, *olhando para fóra*

Sopra o vento d'além, do Sabugueiro!
A noite vae medonha! — O' Virgem do Espinheiro,
Que o teu manto nos acoite!

As fiandeiras repetem a prece.

ZABEL, *despedindo as*

Boa noite!

FIANDEIRAS, *sahindo*

Santa noite!

Fica a porta entreaberta.

SCENA II

ZABEL, *só*

Noite medonha! Tudo escuro... escuro!
Como pastor do inferno, o vento alastra
Nas campinas do azul o seu rebanho
De nuvens negras. — Assim, no meu futuro
Accumula tristezas o destino.
Por vezes um relampago
Rasga as trevas. Também
Um clarão repentino
De esperança na minh'alma sobrevem.
Ó meu Pedro! meu Pedro! accode! Salva-me!
Meu amor! minha estrella! meu só bem!

Abatida.

Castigo meu! — Como Lucifer,
Abandonei, de improviso,
O risonho paraíso
Que me abriste por teu mal.
Pequei! — Minha culpa! Ai misera!
Hei-de expiar o meu crime
N'este inferno em que me opprime
O pulso do teu rival.

Olhando para o fundo e indo á janella.

Ha de chegar em breve; aproxima-se a hora!
Inda espreita o luar!
É cedo! Se não vem! — Loucura!

Resoluta.

Vou fiar!

Senta-se: pega na roca.

«Quando os meus olhos te viram,
Meu coração te adorou...»

Voltando-se um pouco.

Parece que ouvi passos... Que loucura!
«Meu coração te adorou»...

Levanta-se e caminha para o fundo.

É o vento a zunir pela espessura
Do canavial! E ao longe a trovoadá
A rolar nos espaços...

Descendo, encostando se á mesa, em pé.

«Na cadeia dos teus braços
Minh'alma presa ficou!»

Pausa.

FILATRICI, *fanno il segno della croce: Zabel pure*
Magnificat! .. Magnificat!...

ZABEL, *guardando a l'infuori*

Mugge il vento laggiù, — dal Sabugueiro!
É notte di tempesta! .. Vergine d'Espinheiro!
Deh! ci proteggi tu!...

Le filatrici ripetono la preghiera.

ZABEL, *congedandole*

La buona notte!...

FILATRICI, *sortono*

Santa notte!...

La porta resta socchiusa.

SCENA II

ZABEL, *sola*

Noite tremenda! tutto è oscuro... oscuro...
Come pastor d'Averno, spinge il vento
Su pei campi d'azzurro il negro armento
Di fosche nubi... tal nei di futuri
Accumula tristezza il mio destino.
E forse tante tenebre
Rompe un baleno... allor
Un subito baglior
Di speranza, in quest'anima rifulge...
Oh! mio Pedro, mio Pedro: accorri... vien...
Amor mio! vita mia! unico ben!

Abbuttuta:

Castigo mio!... — come Lucifero,
Abbandonai d'improviso
Quel ridente Paradiso,
Che m'appristi, e a te fatal!...
Peccai!... la colpa, ah misera!
Sola espiar degg'io
Nell'inferno, in che il cor mio
Imprigiona il tuo rival!

Guardando al fondo, andando alla finestra.

Deve venir ci già!... avvicinasi l'ora!...
La luna triste appar!...
C'è tempo — se non vien? Follia!...

Risoluta.

Voglio filar!

Siede: coglie la rocca.

«Quando il mio sguardo ti vide
Il mio cuore t'adorò!...»

Voltandosi un poco.

Ma là qualcuno vien!... oh... che follia!...
«Il mio cuore t'adorò!»

Salza: si dirige al fondo.

E il vento che là geme fra le fronde...
Laggiù... laggiù... terribile procella
Che rugge nello spazio!...

Avanzando, appoggiandosi al tavolo, e in piè.

«E nel laccio del tuo braccio
Quest'alma presa restò!...»

Que sinistros agouros que me inspiram
Os transes em que estou!

Macchinalmente.

«Quando os meus olhos te viram,
Meu coração te adorou!»

Pausa.

O Brazil é tão longe... longe... longe...
Alem do mar... sem vel-o...

Resoluta.

Não! não quero partir!
Deixarei para sempre esse odiento Marcello...
N'um impeto, parte a roca de encontro o joelho e deita-a fóra.

C'o meu Pedro... sósinha... hej-de fugir!

Implorando.

Senhor, nas veias arde-me
Um fogo atroz, Senhor!
Ardôr que só me acalma
O balsamo do amor!

Animando-se.

Ah! deixa que a minh'alma
Encontre a paz, Senhor!

Durante as ultimas palayras, Pedro entrou. Zabel volta-se para se dirigir ao fundo e cae-lhe nos braços.

ZABEL, *com alegria*

Ah! meu Pedro!

SCENA III

ZABEL e PEDRO

PEDRO, *dominando-se e afastando Zabel*

Não fales! Se acaso
O passado esqueceste infiel,
Este amor em que ainda me abraço
Fez-me dar um mau passo, Zabel!
Vou-me pois!

ZABEL, *supplicante*

Ah! não vás por piedade!
Pois não sentes que amor nos sorri?
Não percebes que amarga saudade
Me consome e desvaira por ti?

PEDRO

Mas deixaste-me outr'ora...

ZABEL

Perdôa!

PEDRO

Por Marcello, o mortal inimigo...

ZABEL, *ajoelhando*

De joelhos te imploro o castigo,
Se punir sabe essa alma que é boa!

PEDRO

Foste ingrata...

Quali sinistre idee l'anima mia
Nel suo dolor provò!...

Macchinalmente.

«Quando il mio sguardo ti vide
Il mio cuore t'adorò!...»
Il Brasile è laggiù... laggiù lontano!...
Ed oltre il mar, non lo vedrò...

Risoluta.

No... no... non partirò!

Con impeto rompe la rocca sul ginocchio e la getta.

Ti lascierò per sempre, abborrito Marcello!
Col Pedro mio, con lui... si fuggirò!...

Implorando.

Signor! tutto m'incende
Fuoco divorator!...
Fuoco che solo calma
Il balsamo d'amor!...

Animandosi.

Ah! rendi a questo cor
La pace sua, Signor!...

Alle ultime parole entrò Pedro. Zabel si volta e gli cade in braccio.

ZABEL, *con allegria*

Ah! mio Pedro!...

SCENA III

ZABEL e PEDRO

PEDRO, *dominandosi ed allontanando Zabel*

Deh!... taci... obbliasti
Il passato tu forse?... infedel!
Quest'amor che in me suscitasti,
Sol mi tragge a vederti... Zabel!
Or ti lascio...

ZABEL, *supplichevole*

Oh! no... resta... non sai,
No, l'amore che arde quà in me...
Non comprendi il dolor che mi dai,
E che viver non so senza te!

PEDRO

Ma tu fosti d'un altro!

ZABEL

Perdona...

PEDRO

Di Marcello... nemico mortal!...

ZABEL, *inginocchiandosi*

Tu sei buono... l'amor mi ridona
E punisci, se il vuoi, tanto mal...

PEDRO

Fosti ingrata...

ZABEL, *alzandosi*

Malvagia e crudel...

Il demonio dell'or mi tentò...

Farmi sposa, colui mi giurò...

Oh perdona... mio Pedro!...

PEDRO

Zabel!...

ZABEL

Mio Pedro... il tuo intento

Ieri lo sapea...

PEDRO

Uno di noi, lo sai, morir dovea!

Ma stavi fra noi due!...

ZABEL, *con passione*

M'ami tu dunque ancor?...

PEDRO

Oh! si t'adoro!...

Con tristezza.

Perchè, dimmi, non credi a tanto amore,
Che fa la mia sventura, e il mio ideal?

Qui nel mio seno incendesi

Fiamma divoratrice...

Come soave effluvio

Di donna ammaliatrice,

Il guardo tuo m'inébria,

Tutto sarò per te!...

Dolor intenso, affrettami

La ora del disio:

Se bella fosti e angelica,

Più bella ti ved'io...

Conforto alle mie lagrime

Ti vedo innanzi a me!

Mirami sempre e ancora:

Il guardo che inamora

Tutto pènetra l'alma,

Ed apre la speranza

D'invidiata calma! ..

Oh no... non dubitar di tanto amore,
Luce che vien dall'alma e in te risplende!

ZABEL, *decisa*

Se m'ami, ascolta!... In breve il maledetto

Lascia il villaggio nostro...

Con lui mi vuol ..

PEDRO, *risoluto*

Giammai!

ZABEL

Giammai, lo dico...

Io fuggirò con te!...

PEDRO

Fuggir? ..

ZABEL, *guardando al fondo*

Fuggir... prima che venga a noi!

PEDRO, *com energia*

Tu pensas que me importe
O rufião... e o seu furor... e a morte,
Quando te abraço... ó meu supremo bem?

ZABEL

Convida-nos a noite... fugiremos!

PEDRO

Sim: fugiremos!

Vão ao fundo e apontam a janella por onde se vê relampejar. Descem depois enlaçados.

ZABEL

Não te lembras, Pedro,
D'essas noites de amor impetuoso
Em que tu deliravas, nos extremos
Celestiaes do gozo?

PEDRO

Se me lembro! Minh'alma, recordando-se
Parece que do corpo inda se aparta,
Para pairar nos ceus!

ZABEL, *meigamente*

Essa vida... essa morte... quero dar-t'a!

PEDRO

Que promessas de amor nos olhos teus!
Cingindo-a ternamente.

Qual desce o orvalho sobre a flôr
Dos apogeus do paraiso,
No peito meu, aneiciando amor,
Balsamo cae do teu sorriso!

Ah! jura, sim! que do teu Pedro
Tu nunca mais te apartarás!
Ao peito meu, de amor sedento
Desça o teu beijo, orvalho lento,
Teu meigo olhar, iris de paz!

ZABEL, *com paixão*

Sim, meu senhor, meu bem, meu tudo,
Eu juro, Pedro, tu serás!
E quanto eu diga é frio, é mudo,
Ao pé do amor que tu me dás!

PEDRO

O labio teu me recompensa
Do mal passado sobre mim!

PEDRO E ZABEL

Alma sombria, á luz da crença
Abre-te emfim! abre-te emfim!

Dão-se um longo beijo.

Voç de MARCELLO ao longe, acompanhada á guitarra

Espumante e bemfazejo,
Chega aos labios o licor;
Cada sorvo é como um beijo,
Corre o vinho, brota amor.

ZABEL, *emquanto Marcello canta, aterrada*
Elle!

Desprende-se dos braços de Pedro, vae á porta e espreita.

PEDRO, *com energia*

Tu credi che a me importi
Del villano il furor, nè mille morti...
Quando t'abbraccio, mio supremo bene?...?

ZABEL

Invitaci la notte... fuggiremo!...

PEDRO

Si... fuggiremo...

Vanno al fondo, e indicano la finestra da dove si vedono i lampi: avanzano poi abbracciandosi.

ZABEL

Non ricordi, Pedro,
Quelle notti d'amor voluttuose,
Il tuo delirio, le gioie supreme,
Di quei baci l'ardor?...

PEDRO

Se mi ricordo, di quell'ore estreme!
Se mi parve lasciar l'umano frale,
E in ciel morir d'amor!...

ZABEL, *soavemente*

E tal vita e tal morte voglio darti...

PEDRO

Che promessa d'amor negli occhi tuoi!...

Cingendola teneramente.

Come la rugiada sui fior
Discende là dal Paradiso,
Nel seno mio libando amor,
M'inebria il tuo dolce sorriso!

Ah! si mi giura che il tuo Pedro
Giammai non lascerà il tuo cor! ...
Sull'avidò labbro rugiada
Discenda il guardo incantator,
Iride feconda d'amor!...

ZABEL, *con passione*

Si lo giurai, l'unico bene
Tu, solo tu sarai per me!...
Tu sei la vita... tu la spene...
Tutto è squallor senza di te!

PEDRO

Il detto tuo dolce compenso
Dei scorsi mali alfin mi diè!...

PEDRO E ZABEL

Alma dolente, a tanto amore
Credi felice, a tanta fè!

Si danno un lungo bacio.

Voce di MARCELLO, dentro, accompagnandosi colla chitarra

E spumante e benedetto
Viene al labbro il buon licor,
Ogni sorso è come un bacio,
Scorre il vino, nasce amor!...

ZABEL, *mentre Marcello canta, atterrita*

Lui! ..

Si scioglie dall'abbraccio di Pedro e va alla porta ad ascoltare.

PEDRO, *dirigindo-se a Zabel*
Marcello!...

ZABEL

Inda vem longe!... Espera...

Escutando junto á porta: fecha-a á chave.

PEDRO

É forçoso partir!

Descem ambos.

ZABEL, *á parte*

Nossa Senhora, acudi-me!
Dae me alento, ó Deus do ceu!

PEDRO, *com odio*

Ai do vil que se approxime,
A roubar o bem que é meu!

ZABEL, *correndo á arca*

Não! não! não parto!
Sem levar o meu ouro... que é só meu...
Não sou ladra... é só meu... posso jurar-t'ó...
Mettendo na algibeira do avental peças de ouro.

PEDRO

Mas escuta...

ZABEL

O cordão...

Tirando-o da arca e pondo o ao pescoço.

PEDRO

Socega. Teu

Juro ser para sempre...

Abraça a.

ZABEL, *entrouxando os objectos que tirou do bahu*
... Sim, meu Pedro!

PEDRO

Não quero que te arrisques, arriscando
Todo o nosso futuro... Adeus...

Querendo sahir.

ZABEL, *deixando tudo e correndo para Pedro,*
oppõe-se a que saia.

Não! fica!

PEDRO

Hei de amanha voltar... e fugiremos.

ZABEL, *n'um impeto*

Não esperes amanha... decida se hoje a sorte.
Descem ambos. Zabel supplicando angustiosa.

É a tua Zabel que te supplica!
Se acaso tu és forte,
Se me tens tanto amor como eu por ti,
Ah! livra-me da morte,
Leva-me hoje d'aqui!

Olhando para o fundo como sentindo passos.
Ai! foge, amor... não tardes!

PEDRO, *dirigendosi a Zabel*
Marcello!...

ZABEL

È lungi ancor!... m'attendi...

Ascoltando dalla porta, la chiude a chiave.

PEDRO

È duòpo alfin partir!...

S'avanzano entrambi.

ZABEL, *a parte*

Santa Vergine divina,
Mi da forza, da valor!

PEDRO, *con odio*

Ahi! del vil che s'avvicina
A rubarmi il mio tesoro!...

ZABEL, *correndo al baùle*

Nò... nò... non parto!...
Senza prender quest'oro che è ben mio!...
Non è rubato... è mio... posso giurarlo!

Mettendo nelle tasche del grembiale le monete d'oro.

PEDRO

Ascoltami!...

ZABEL

Il collar!...

Lo sorte dal baùle e se lo mette al collo.

PEDRO

Ti calma... tuo

Giuro d'esser per sempre...

Abbracciandola.

ZABEL, *tutta occupata a fare un gruppo col fazzoletto*
Si... mio Pedro...

PEDRO

Non voglio, no... per te, nessun periglio,
Che muti l'avvenir! addio...

Volendo sortir.

ZABEL, *lasciando tutto e correndo verso Pedro,*
si oppone a che sorta

No... resta!

PEDRO

Domani tornerò... poi fuggiremo...

ZABEL, *con impeto*

Non attender domani, decidasi il destino!...

Al proscenio i due: Zabel supplicando con angoscia.

É la tua Zabel che t'implora,
Oh se tanto tu m'ami
Quanto il mio cuore sempre si t'adora,
Deh! mi togli alla morte,
Deh! togliermi di quà!...

Mirando al fondo, come se ascoltasse i passi di Marcello.

Ah! va... senza ritardo...

PEDRO, *abrindo uma navalha*
Fugir? não me acovardes!
Zabel *quer segural-o.*
Oh! deixa-me, mulher!

Com energia.

Contra o rival a súplica
Meu braço não desarme;
O infame ha de pagar-me
O mal que te fizer!

Caminha para a porta.

ZABEL, *corre a collocar-se defronte da porta
e impede-o de sahir.*
Suspende! desgraçado!...

Chega-se a Pedro com tristeza e amor.

A mim te deu meu fado!
Não podes tu morrer!

Agitada.

Vae-te, vae-te...

PEDRO
Mas como?

ZABEL, *indicando a direita*
Pela janella, sim, meu Pedro!

PEDRO Irei!

Mas tu ..

ZABEL
De madrugada
Junto á fonte estarei.

Correndo para a janella abrindo-a e olhando.

Como vae grande a levada!
Jesus! que enorme altura!

MARCELLO, *fóra*
«Chega aos labios...

Batendo á porta.

Estás surda, Zabel?

ZABEL, *afflita e caminhando para a porta*
Deus! como eu tremo!

A Pedro.

Vae-te depressa!

*Não desamparando a porta e desejando que Pedro
se vá pela janella.*

PEDRO
Adeus, meu doce amor
Um derradeiro beijo!

ZABEL, *desce a unir-se a Pedro*
Adeus meu bem suprêmo!

*Dão se um longo beijo: Pedro toma a manta e o
chapeu que estavam por terra e encaminha-se para a ja-
nella. Galga o peitoril e precipita-se no espaço. Grande
relampago e trovão. Ouve-se um grito.*

PEDRO, *aprimo un coltello*

Fuggir?... non son codardo...

Zabel *vuol ritenerlo.*

Su... lasciami... Zabel!...

Energico.

Il braccio mio, t'en supplico,
Zabel, non disarmar!
Colui dovrà soccombere!
Mi voglio vendicar...

Andando verso la porta.

ZABEL, *corre a collocarsi dinnanzi alla porta
e impedisce che salga*

Indietro... sciagurato...

A Pedro, avvicinandosi con tristezza ed amor.

A me ti dava il fato...
Non devi tu morir!...
Vanne... vanne...

Agitata.

PEDRO
E come?..

ZABEL, *indicando alla diritta*
Da quel verone... Pedro mio... si!...

PEDRO Andrò!...

Ma tu...

ZABEL
Di buon mattino
Alla fonte starò...

Correndo al verone, aprendolo e guardando fuori.

Come ingrossa il torrente!
Gesù... che enorme piena!

MARCELLO, *dentro*

«Vien al labbro...»

Battendo alla porta.

Ma sei sorda, Zabel!

ZABEL, *afflita, camminando verso la porta*
Dio!... come tremo!...

A Pedro.

Vanne... t'affreta!

*Non lasciando la porta e volendo che Pedro se ne va-
da per la finestra.*

PEDRO
Addio... mio dolce amor!
L'ultimo bacio ancor!...

ZABEL, *si unisce a Pedro*
Addio... mio ben suprêmo!...

*Si danno un lungo bacio: Pedro prende il mantello
ed il capello che stavano in terra e si dirige al balcone:
monta e precipitasi nello spazio. Grande lampo e tuono.
Si sente un grido.*

ZABEL, *correndo á janella*
Um grito ouvi! que horror!

Recua aterrorisada, levando as mãos aos olhos, e encosta-se á hombraira da janella.

Marcello, depois de varios empuxões á porta, arromba-a e entra em scena bebado, furioso e rude, empunhando uma guitarra.

SCENA IV

ZABEL e MARCELLO

MARCELLO

Raios partam a porta, mal'a moça!

Procurando.

Zabel! onde é que estás!

Vendo-a:

Junto á janella!

Approximando-se.

Caspité! Como estás bella!

Com modo affavel.

Anda cá! meu beijo apraz-te?

Zabel evita Marcello e dirige-se para junto da mesa. Marcello repara no collar.

Por minha causa te enfeitaste!

Apontando para a janella.

Incita aos gozos uma noite,

Como a que vês.

A trovoada é rude açoite

Da embriaguez!

Mudando de tom.

Ah! dá-me vinho e dos teus braços

Dá-me o calor!

ZABEL, *á parte*Seu grito, ai! Deus! rasgou minh'alma!
Que horrivel dôr!*MARCELLO, com impeto brutal e perseguindo-a*
Quero um beijo, ó bella dama!ZABEL, *repellindo-o*

Bebado vil!... dos teus abraços

Já tenho horror!

*Á parte.*Virgem santa! a morte dá-m'a
Por salvar quem me adorou!

MARCELLO

Quero um beijo, ó bella dama!

Com presumpção.

Como um cacho inda não estou...

ZABEL, *com odio*

Vae-te!... foge! tem cautella...

Procurando uma faca em cima da mesa.

ZABEL, *correndo al verone*
Un grido udii... che orror!...

Indietreggia atterrita, coprendosi il viso, e s'appoggia sul davanzale della finestra.

Marcello, dopo varii colpi, getta giù la porta ed entra ubbriaco, furioso e rude, impugnando una chitarra.

SCENA IV

ZABEL e MARCELLO

MARCELLO

O maledetta porta... alfin entrai...

Cercando.

Zabel! dove sei tu?

Vedendola.

Presso al verone!...

Avvicinandosi.

Diámme!... come sei bella!

Con modi affabili.

Vieni quà! ti piace un bacio?

Zabel evitando Marcello, si dirige presso al tavolo. Marcello osserva il collare.

Cosi per me t'adornasti? ..

Indicando la finestra.

Notte propizia sei d'ebbrezza,

Chiami il piacer!

Lasciar conviene l'ubbriachezza

Dentro il bicchier!...

Cambiando tono.

Su, dammi vino e del tuo abbraccio

Dammi il calor!

ZABEL, *a parte*Quel grido ahimè, squarciomi l'alma,
Oh qual dolor!...*MARCELLO, con impeto brutale e perseguendola*
Voglio um bacio, gentil dama...ZABEL, *respingendolo*Ubbriaco vil... dei tuoi amplessi
Già sento orror!...*Á parte.*Vergin santa... fammi morir,
Per salvar chi m'adorò!...

MARCELLO

Voglio un bacio, bella dama...

Con presunzione.

Non son briaco... no, no ancor!..

ZABEL, *con odio*Vanne... fuggi... guai a te...
Cerca sul tavolo un coltello.

MARCELLO, *sarcastico*

Não receio, ó minha bella!

Rindo. Tentando abraçar-a.

Nunca a morte me assustou,
Morra o homem... fique a fama!

Segurando Zabel.

ZABEL, *querendo desembaraçar-se de Marcello, á parte*
Eia! além Pedro me chama!

Zabel consegue desprender-se dos braços de Marcello e repellindo-o com força faz com que elle caia sentado sobre a cadeira junto á meza; depois Zabel sahe correndo em busca de Pedro.

MARCELLO, *dando um murro sobre a mesa, rindo*
Dá-me vinho... ah! ah! ah!

CAE O PANNO RAPIDAMENTE



MARCELLO, *sarcastico*

Non ti temo... viene a me...

Ridendo, volendo abbracciarla.

Non ho tema della morte,
Muore l'uom... resta la fama!...

Retinendola.

ZABEL, *volendo sbarazzarsene, a parte*
Via... che Pedro... là mi chiama!.

Zabel consegue svincolarsi da Marcello, e spingendolo con forza, lo fa cadere seduto sulla sedia: dopo sorte Zabel cercando Pedro.

MARCELLO, *dando un pugno sul tavolo, ridendo*
Dammi vino... vino... ah! ah!

CAIA RAPIDAMENTE LA TELA





INTERMEZZO SYMPHONICO

A tempestade rugiu: gemem os troncos das arvores fustigadas pela ventania. Os trovões ribombam e perdem-se pelo espaço. A levada engrossa com a chuva torrencial. Um relampago immenso alaga de esplendor os horizontes. Avista-se Pedro junto á janella: dá o derradeiro beijo a Zabel: precipita-se no espaço. Na queda, bate n'uma rocha que o fére mortalmente. A torrente arrasta-o. Lutando contra a morte, tenta segurar-se ás musgosas pedras e ás raizes das arvores que mergulham na agua.

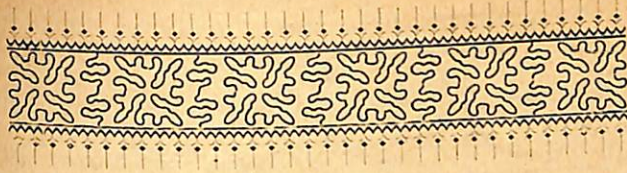
Esvae-se-lhe a vida com o sangue que jorra sem cessar das chagas hiantes. O seu pensamento volve para Zabel, recordando saudosamente o momento suave em que lhe pedia o juramento de jámais o deixar, porém as forças faltam-lhe de todo e a vida extingue-se-lhe emfim.

O seu corpo é arrastado á mercê da torrente que se vae despenhando pela serra, seguindo as sinuosidades do terreno, até que finalmente, de madrugada, é detido por um grande penhasco.

Nabor, achando-se ali perto, reconhece o corpo mutilado do infeliz Pedro.

Recolhe-o e enterra-o junto de uma gruta proximo d'esse penhasco.

Sobre a sua sepultura levanta uma cruz tosca de madeira, e o seu pensamento procura a causa da morte d'aquelle cujo tragico fim elle deplora!



INTERMEZZO ALL'ORCHESTRA

Stride la tempesta: gemono i tronchi scossi dall'uragano: i tuoni rimbombano e si perdono nello spazio: la piena ingrossa colla pioggia a torrente: un lampo immenso innonda di fulgore l'orizzonte. Si vede Pedro presso alla finestra: da l'ultimo bacio a Zabel: precipita nello spazio. Nella caduta, batte in una roccia e si ferisce mortalmente. Il torrente lo trascina.

Lottando con la morte, tenta aggrapparsi ai massi sporgenti ed alle radici degli alberi bagnati dalle acque.

Fugge la vitta dalle aperte ferite: il suo ultimo spiro è per Zabel ricordando il momento soave del fatto giuramento di non abbandonarlo mai, pero già gli mancano le forze ed esala l'ultimo anelito.

Il suo corpo è travolto dal torrente che precipita dai culmini, seguendo dopo le sinuosità scabrose del suo corso, ed è alfine rattenuto da un gran masso.

Nabor, trovandosi vicino, riconosce il corpo mutilato di Pedro.

Lo raccoglie e gli dà sepultura presso ad una grotta vicina.

Pianta una croce tosca di legno, ed il suo pensiero cerca di saper la cagione di tanta catastrofe, che tanto deplora!





ACTO III

A cortina de nevoa, que encobre a scena durante a execução do intermezzo, é varrida pelo vento, deixando ver um sitio alpestre, á tarde. Ao fundo, os cumes das serras cobertos de neve. Torrente á esquerda. Junto d'ella, perto de uma gruta, uma cruz tosca de madeira. Á direita, armadilha ás aguias.

SCENA I

NABOR deitado; os PASTORES, armando ás aguias

CORO DE PASTORES

Aguia que em vôo rapido
Cortas o espaço,
Do ceu azul despenha-te
Sobre o meu laço.

I.º PASTOR

Caluda!

Os OUTROS

Silencio!

I.º PASTOR

Nas fragas da serra
Uma aguia que berra — parece que ouvi.

Os OUTROS

Engano!...

I.º PASTOR

Quem dera que fosse o anafado
Casal que ao morgado — levar prometti!

TODOS

Aguia que em vôo rapido
Cortas o espaço,
Do ceu azul despenha-te
Sobre o meu laço.

I.º PASTOR

Pedi-me elle ha dias...

Os OUTROS

O que?



ATTO TERZO

Il velo di nebbia, che nascondeva la scena mentre si eseguisce l'intermezzo, è scacciato dal vento e si vede un luogo alpestre. Nel fondo i culmini dei monti coperti di neve. Torrente a sinistra: vicino ad una grotta, una croce di legno: a diritta lacci per le aquile. Verso sera.

SCENA I

NABOR, sdraiato: PASTORI preparando le trame o reti per le aquile

CORO DI PASTORI

Aquila, vola rapida,
Lo spazio fendi!
Dal cielo azzur precipita,
Sul laccio scendi!

PRIMO PASTORE

Tacete!...

ALTRI

Silencio!...

PRIMO PASTORE

Lassù dal suo nido
D'un aquila credo lo strido ascoltare!...

ALTRI

T'inganni!...

PRIMO PASTORE

Se fosse la coppia migliore,
Che al nostro signore — promisi portar!

TUTTI

Aquila, vola rapida,
Lo spazio fendi!
Dal cielo azzur precipita,
Sul laccio scendi!...

PRIMO PASTORE

Ei mi chiedeva ..

ALTRI

Che?...

1.º PASTOR

Um par de aguias.

Das grandes...

OS OUTROS

Pois pague-as — por justo valor.

Os ricos é justo repartam p'los pobres
Uns miseros cobres. — Que diz, ti'Nabor ?NABOR, *enfastiado*

Sim, sim, mas deixae me !

TODOS, *acercando-se de Nabor*

Que triste motivo

O traz pensativo — de ha dias p'ra cá ?

1.º PASTOR

Ao pé d'essa cova, morada do Pedro,
Parece-me um cedro — que eterno ali está !NABOR, *levantando-se*Rapazes, perdoae-me ! Attrae a campa os tristes
Para quem acabou a mocidade.
Sabereis, ao chegar á idade em que me vistes,
Que se afoga a esperança na saudade.*Olhando para a cruz.*Pobre Pedro ! encontrei seu corpo lacerado,
Que a torrente arrastou de cachapuz ;
Abri-lhe a cova aqui ; por mim foi sepultado,
E ergui-lhe sobre a cova humilde cruz.*Como despertando de um pensamento que o persegue
e interrogando os pastores.*Como foi o desastre ? Ouvistes vós dizel-o,
Rapazes ?

TODOS

Não o sabe ainda ninguém !

ALGUNS

Talvez os da Malhada...

OUTROS

Acaso foi Marcello ..

NABOR

Que Deus tenha a sua alma em gloria !

TODOS

Amen !

NABOR, *afastando tristes pensamentos*Porém tomem tento : nenhum se distraia :
Que ha sempre atalaya — do bando feroz.*Todos escutam com muita attenção.*Caluda ! socego ! que a rude vigia
N'um prompto as faria — fugir da pióz.TODOS, *baixo*Não tenha cuidado, que estamos bem quedos,
E a estes fraguados — então quem virá ?

Sentido !

AS VIGIAS

PRIMO PASTORE

Un paio d'aquile,

E grandi...

ALTRI

Le paghi. . . al giusto valor !
Convieni che il ricco al miser conceda
La giusta mercede. . . che dici, Nabor ?NABOR, *annoiato*

Si... si... mi lasciate...

TUTTI, *avvicinandosi a Nabor*Che triste cagione
Il fa penseroso... che diavolo avrà ?

PRIMO PASTORE

Al piè della fossa, dimora di Pedro,
Un cedro somiglia, immobile ei stà !...NABOR, *alzandosi*Amici, ahimè, la bara evoca idee funeste
A chi, vecchio, perdea la gioventù !...
E saprete, all'aver l'età che mi vedeste,
Che la speranza non ritorna più !...*Guardando la croce.*Miser Pedro ! incontrai il corpo lacerato
Che la piena trascina, su per giù...
Aprii una fossa qui : da me fu sotterrato...
Una croce vi posi... Dio l'accoglia lassù !...*Preoccupato da una idea fissa che lo persegue e do
mandando ai pastori.*E come fu il disastro ? non lo sapete voi,
Pastori ?...

TUTTI

Non lo sa nessuno ancor !

ALCUNI

Forse quei di Malhada !

ALTRI

Forse Marcello poi.

NABOR

Che l'abbia il cielo in gloria !

TUTTI

Ed il Signor !...

NABOR, *scacciando tristi pensieri*Attenti... su via .. all'erta si stia...
Che un'aquila in guardia sapete là star !
*Tutti ascoltano con attenzione.*Tacete... silenzio... che farle potria
Un semplice grido dal laccio scampar !TUTTI, *sotto voce*Non c'è da temere... stiam cheti... vedete
Su queste alte cime... ben presto staran...

LE VEDETTE

In guardia...

Os OUTROS
Caluda!

NABOR
Rapazes, de leve!

NABOR E CÔRO, *com muito interesse indicando silencio*

Escondam-se breve — que as aguias vem já.
Escondem-se os pastores nas penedias.

NABOR, *pensativo, á bocca da scena*
Sobre esta humilde cova, absorto em duvidas,
Paira o meu pensamento.
Podesseis arrancar-lhe, ó minhas lagrimas,
O segredo cruento!
Talvez assassinado... ai! pobre moço!
E sobre o teu coval
Apênas cahirá o Padre-Nosso
Do velho maioral!

Resando.

Ah! Padre Nosso que estás nos ceus,
Santificado seja o teu nome!
Venha o teu reino aos filhos teus,
Tua vontade seja feita,
Assim na terra, como nos ceus.
Dá-nos o pão de cada dia.
Senhor, perdoa as nossas dividas,
Como as alheias perdoamos.
Das tentações, Senhor, nos guarda.
De todo o mal nos livra. Amen.

Ouve-se um silvo agudo.

PASTORES, *reapparecendo*
Voaram, fugiram! Por Deus! que seria?

1.º PASTOR
Signal a vigia — fez logo ao tropel.

Espreitando.

Alguem se aproxima...

TODOS
Que leve o diabo
Quem veio dar cabo — da caça...

NABOR E OS PASTORES, *vedo Zabel surgir desgrenhada
sobre os penedos ao fundo*

A Zabel!...

SCENA II

Os mesmos e ZABEL

NABOR
Eh! cachopa! vê se caes!

Aos pastores.

Acudi-lhe sem demora!

PASTORES, *recuando*
Cruzes! demo! vae-te embora!

ALTRI
Silenzio...

NABOR
... Garzoni... tacete!

NABOR E CORO, *con molto interesse indicando silencio*

Nascosti qui state, che l'aquile van!...
S'ascondono i pastori fra i dirupi.

NABOR, *pensativo al proscenio*
In questa fossa umil, assorto in lagrime,
Riposa il mio pensiero...
Potesse alfin quest'alma tutto conoscere
L'orribile mistero...
E l'uccisero forse!... ah! disgraziato...
Sulla tua tomba ancor,
Giungerà un Padre nostro recitato
Dal vecchio tuo pastor!...

Pregando.

Ah! Padre nostro, che stai nei cieli,
Santificato sia il nome tuo:
Pei figli tuoi venga il tuo regno
E poi sia fatto il tuo volere...
Così quà in terra, come nei cieli...
Ci dà il pan nostro quotidiano:
Signor, perdona i nostri debiti,
Come li altrui noi perdoniamo...
Ci guarda dalle tentazioni,
Ci libera dal mal, amen!

S'ode un acuto fischio.

PASTORI, *ritornando*
Volàron... fuggiron... ebbem che passò?...

PRIMO PASTORE
La scaltra in agguato... le altre avisò...

Osservando.

Ma chi s'avvicina?

TUTTI
Il diavol confonda
Chi venne la caccia a turbar...

NABOR E PASTORI, *vedendo Zabel scapigliata sui
dirupi del fondo*

É Zabel!...

SCENA II

I stessi e ZABEL

NABOR
Eh! ragazza... non cadêre!...

Ai pastori

Aiutatela... suvvia!...

PASTORI, *indietreggiando*
Croce... dèmon!... madre mia!...

NABOR

Ah! cobardes! que a deixaes!
Eu lá vou! que a triste agora
Por um triz desfalleceu.

Trepando pelos penedos.

PASTORES, *olhando receiosos para Zabel*
O diabo, negro bode,
Paga mal a quem lhe acode!

NABOR, *junto de Zabel*
Pára! espera! olha! sou eu!

Dá-lhe a mão.

A Nabor não reconheces?
Pobresinha, anda sem medo;

Dirige-se com ella sobre os penedos, para a bocca da scena.

Põe os pés n'esse rochedo...
Vamos, vamos!... Salva estás!

Descem ambos a scena. Aos pastores, severo.

E não tendes pois vergonha
D'essa duvida cobarde?

Com doçura.

Recolhei-vos, é já tarde!
Meus amigos, ide em paz!

Os pastores consultam-se e obedecem.

PASTORES, *assobiando como chamando os cães para juntar
o gado que anda pastando*

Eh-lá! Eh-lá!...
O sol já desce n'aquelle outeiro!
O meu rebanho, corre veloz!
Toma cuidado, meu bom rafeiro,
Se nos espreita lobo feroz!
Eh-lá! Eh-lá!...

Sahem. Ouve-se o tilintar das campainhas dos rebanhos.

SCENA III

ZABEL e NABOR

NABOR, *vendo que Zabel procura qualquer cousa na torrente*

Que procuras, cachopa?

ZABEL, *desvairada*

No seu leito
De rochas, fundo, estreito,
Emballado nos cantos da torrente...
Nos turvos cantos da torrente enorme...
Eil-o que dorme,
Que dorme docemente...

NABOR

De quem fallas?

ZABEL, *escutando e alegremente*

É festa ao santo padroeiro,
O arraial é de encantar...

Escutando e sorrindo.

«Eu conheço quem primeiro
Te colheu, sem se arranhar.»

NABOR

Ah codardi!... non volete!...
Io v'andrò... che l'infelice
Ah! per poco non s'uccide!...

Saltando per le roccie.

PASTORI, *guardando Zabel con prevenzione*
Il diavol è un ingrato,
Paga mal a chi lo serve!...

NABOR, *a lato di Zabel*

Alto... attendi... quà son io...

Le da la mano.

Son Nabor... non mi ravvisi?...
Infelice... non temer!

Vien con lei fra le roccie, al proscenio.

Posa il piè su quella pietra...
Su... coraggio... salva sei...

Discendono alla scena. Ai pastori, severo.

Non avete voi vergogna
D'esser poi così codardi?...

Con dolcezza.

Bene andate .. che già è tardi...
Ritornate... pace a voi!...

I pastori parlano fra loro ed ubbidiscono.

PASTORI, *fischando, chiamando i cani per riunire
gli armenti che stano pascendo*

Eh là... Eh là!...
Già cade il sole dall'erta cima
Ed il mio armento corre veloce...
E tu stà attento, cane fedele,
Se per quà vien lupo crudel!
Eh là... Eh là...

Sortono: sentesi il tintinnio delle greggi.

SCENA III

ZABEL e NABOR

NABOR, *vedendo Zabel che sta cercando nel torrente*
Che mai cerchi, fanciulla?

ZABEL, *demente*

Là nel letto

Del rio profondo e stretto,
Trascinato dai sassi del torrente,
Nel curvo seno della piena enorme,
Eccolo dorme,
Ei dorme dolcemente!

NABOR

Di chi parli?

ZABEL, *ascoltando allegramente*

É la festa del santo protettore,
Il villaggio è così bel...

Ascoltando e sorridendo.

«Io conosco chi primiero
Ti coglièa senza dolor!...»

Vivamente.

Escutem, raparigas!
Um bravo ao cantador!

Interrompendo colerica.

«Não quero mais cantigas!»

Sorrindo meigamente.

Eil-o que dorme.
Que dorme docemente...

NABOR, *chegando-a a si*

Ai! pobre cachopa!

ZABEL, *desembaraçando-se de Nabor*

O bando que chega!

Tremenda refrega!

Atemorisada.

Por mim, por mim só!
Suspendam, piedade! Marcello, recua!
Bem vês, eu sou tua!

NABOR, *com tristeza*

Mesquinha, faz dó!

ZABEL, *dirigindo se a Nabor como se fosse Pedro*

Menti-lhe, meu Pedro! Não parto, não parto!
De ti não me aparto, — que te amo a ti só!

Tomando-lhe a mão e com mysterio.

Á noite, em casa, espero-te...
Não faltes, ó meu bem!
Longe, bem longe leva-me!
Nos braços me sustem!

Largando-lhe a mão e rindo abstracta.

Cantadeira, cantadeira,
Borda em notas este amor.
Que a tua voz feiticeira,
No seu peito afogue a dôr.
Da ventura espreita o alvor,
Cantadeira, cantadeira!

NABOR

Amava-o, julgo;
Bem diz o vulgo, bem diz o vulgo:
Nem luar como em janeiro,
Nem amor como o primeiro.

Ouve-se ao longe o côro dos pastores.

CORO

O sol já desce n'aquelle outeiro.
O meu rebanho, corre veloz!

ZABEL, *olha para o fundo como espreitando, depois
chega-se a Nabor com certo mysterio*

Folga em catraias o bandolciro.

Inclina a cabeça sobre o hombro de Nabor e chora.

Um beijo, Pedro! que estamos sós!

NABOR

Amor não lavra como o primeiro,
Reza o ditado, divina voz!

Vivamente.

Ascoltin le fauciulle,
Un bravo al buon cantor!

Interrompendo colerica.

«Non voglio più stornelli»

Sorridendo soavemente.

«Eccolo dorme...
Ei dorme dolcemente...»

NABOR, *attraendola*

Ah! tristè Zabel!...

ZABEL, *lasciandolo vivamente*

La gente che viene!...

Che rissa tremenda!

Con terrore.

Per me... per me sol...
Indiètro... pietà... Marcello... Marcello...
Lo vedi... son tua...

NABOR, *con tristezza*

Che pianto... che duol!...

ZABEL, *dirigendosi a Nabor como se fosse Pedro*

Mentiva, mio Pedro... non parto... non parto...
Io no, non ti lascio... a te tutto il cor!...

Prendendogli la mano con mistero.

A notte in casa attendoti...
Pedro, non mancherai...
Lungi, ben lungi, involami...
Col braccio mi sostien!

Abbandonandogli la mano e sorridendo astratta.

Cantatrice, cantatrice,
Canta in note quest'amor!...
La tua voce incantatrice
Chiami i di felici ancor!
Allontana il rio dolor...
Cantatrice!... cantatrice!...

NABOR

L'amava... credo...
Ben dice il vulgo, sempre sincero,
Di Gennaio luna piena,
E l'amor come il primiero.

Lontano il coro dei pastori.

PASTORI, *dentro*

Già cade il sole dall'erta cima,
Ed il mio armento corre veloce...

ZABEL, *guardando verso il fondo come osservando
ed avvicinandosi a Nabor con certo mistero*

Ride il bandito, ubbriaco in vero...

Zabel inclina il capo appoggiata a Nabor e piange.

Un bacio, Pedro... che soli siam!

NABOR

Non c'è altro amore come il primiero,
Ben dice il vulgo, noi l'approviam!

Com ternura.

Repousa nos meus braços, pobre louca!
Mas não creias que d'esta velha boca
A palavra que esperas surgirá.

Zabel despertando, afasta-se de Nabor e olha vagamente, como se sorrisse para Pedro.

ZABEL

Meu Pedro! nos teus olhos
A minha vida está!

No abraço teu dilue-me
Esta ancia que me alaga!
Meu bem! contra os teus lábios
Os lábios meus esmaga!
E a minha carne soffrega
Teus beijos sorverá!

Como a nortada sobre a serra
Varre os bulções do temporal,
O teu amor de mim desterra,
Pedro! ó meu Pedro! a dôr mortal!

NABOR, *lastimando-a*

Das sombras d'esse espirito
A luz ao meu já vem!
Inspira-lhe a demencia
A perda do seu bem!

ZABEL, *alegre*

Sou borboleta que adejo
Na chamma do teu olhar...

De repente parece-lhe ouvir a voz de Marcello.

«Cada sorvo é como um beijo...»
Não se acaba o meu penar.

Aterrada, como se fallasse a Pedro.

O bandido que volta! Ah! como eu tremo!

Nabor segue com o maximo interesse esta scena.

Foge! que um beijo teu me reconforte!
A que risco te expões, meu bem supremo!
A tempestade... o abysmo negro... a morte...

Zabel, caminhando para o fundo, avista Marcello que do alto de um penedo lhe apparece como um phantasma. Nabor e Zabel, vendo-o, soltam um grito de terror: Marcello, de clavina em punho, desce precipitadamente, apenas vê Zabel.

SCENA IV

Os mesmos e MARCELLO

MARCELLO, *um pouco ao fundo*

Ladra e perjura! Emfim
Vaes dar-me estreitas contas
Do roubo e das affrontas
Que me fizeste a mim!

Vae a apontar a clavina. Nabor interpõe-se.

NABOR

Não vês, Marcello, a misera
Como está louca assim?

Con affeto.

Demente! sul mio braccio ti riposa...
Ma non credi che l'anima pietosa
La parola che attendi voglia dir!...

Zabel si desta, allontanasi da Nabor e mira vagamente come se sorrisse a Pedro.

ZABEL

Mio Pedro, sul tuo sguardo
La vita stà... il sentir!...

In seno a te, deh! calma
Quest'ansia senza posa...
Mio ben!... il labbro tremulo
Sul labbro mio deh! posa,
E l'alma tutta inèbriami,
Con te d'amor morir!...

Come lassù nei monti, il vento
Scaccia i negri nemi in furor,
Così il tuo amor scacciar io sento,
Pedro, ogni mio mortal dolor!...

NABOR, *con compassione*

Dal pianto di quest'anima
La luce a me già vièn!...
E la follia precipita
La morte del suo ben!...

ZABEL, *con allegria*

Son la farfalla che vola
Del tuo sguardo al fulgor...

Ad un tratto gli pare udir la voce di Marcello.

«Ogni sorso è come un bacio»
Non finisce il mio dolor!...

Come se parlasse a Pedro.

Il bandito ritorna... oh come tremo!

Nabor osservando con la più grande attenzione.

Fuggi! un tuo bacio mi farà più forte!...
Che periglio per te, mio ben supremo!...
La tempesta!... l'abisso negro... e... morte!...

Zabel, incamminandosi verso il fondo, vede Marcello che dall'alto d'un masso gli appare come un fantasma. Nabor e Zabel, vedendolo, danno un grido di terrore. Marcello col fucile in guardia, scende precipitosamente appena vede Zabel.

SCENA IV

I stessi e MARCELLO

MARCELLO, *un poco al fondo*

Ladra e spergiura a me!...
Mi renderai tu conto
Dell'oro e dell'affronto,
Femmina senza fè!...

Appuntando il fucile. Nabor s'interpone.

NABOR

Non vedi che la misera
Il senno ahimè perdè?...

MARCELLO

Doida ? Embora, Nabor, atraçoou-me !
 Em cata do seu chefe, o torpê bando
 De Alfatêma... ó vergonha do meu nome !
 Junto de minha casa ia chegando.
 Por culpa d'ella, d'ella, entendes, velho ?
 Mas vingou-me o destino !
 Só resta do mofino
 Uma pedra tingida de vermelho,
 Que o corpo foi levado na corrente,
 Bom pasto para o dente
 Do-sanguinario lobo.

ZABEL, *voltando a si*

Ah ! meu Pedro ! matou-te o meu amor !

NABOR, *a Marcello*

Amerceia-te, em nome do Senhor !

MARCELLO, *a Nabor*

Mas não sabes que a infame fez um roubo !
 Ignoras quanto é justo o meu rancor !
 A lama em que nada
 Essa alma infiel
 Jorrou-me em golfada
 No peito cruel.

Mas é forte o vínculo
 De amor que não finda :
 Ardente saudade
 Me acode em tropel !

A Zabel.

Se me amas ainda,

Zabel recua com desprezo.

Perdôo, Zabel !

NABOR, *a Marcello*

Que Deus persuada
 Tua alma cruel !
 Perdôa á coitada,
 Lamenta a Zabel !

ZABEL, *que recuperou a razão, á parte*

Ó tu, morte ! arranca-me
 Do horror que não finda,
 Sê tu, sê bem vinda,
 Amiga fiel !

Marcello ancioso aguarda a resposta de Zabel.

NABOR, *implorando a misericórdia divina*

Ah ! Padre Nosso que estás nos ceus,
 Santificado seja o teu nome ...

Marcello escuta Nabor.

MARCELLO, *a Nabor*

O teu lamento, vês ? desarmou-me !
 Nos teus desejos cifram-se os meus !

A Zabel.

Ouro, amor, vida, são teus, são teus !

MARCELLO

Folle !... sia pur... Nabor... e mi tradia !
 Cercando il duce suo, la turba ria
 D'Alfatêma, lo sai... vergogna mia !
 E presso al casolar, di già venia...
 Per colpa sua... comprendi tu il periglio ?
 Mi vendicò il destino...
 Sol resta del meschino
 Una pietra bagnata di vermiglio...
 Il corpo fu travolto dal torrente,
 Buon pasto per il dente
 D'un insaziabil lupo !

ZABEL, *ritornando in se*

Ah ! mio Pedro, t'uccide il mio amor !

NABOR, *a Marcello*

Abbi pietà nel nome del Signor !...

MARCELLO, *a Nabor*

Ma non sai che l'infame mi rubava !...
 Ignori quanto è giusto il mio rancor !...
 Il limo che oscura
 Quest'alma infedel,
 È dura sventura
 Al cuore fedel !...

Ma è forte quel vincolo
 Che lega il cor mio...
 Ardente desio
 Accendemi, o ciel !

A Zabel.

Se m'ami tu ancora,

Zabel indietreggia con disprezzo.

Perdono, Zabel !...

NABOR

Ispira, tu Iddio,
 Quest'alma crudel !...
 Non paghi nò il fio...

A Marcello.

Perdona a Zabel !...

ZABEL, *che recuperò la ragione. A parte*

Oh morte, tu involami,
 Orror senza fine !...
 Se tu vieni allfine,
 Amica fedel !...

Marcello ansioso attende la risposta di Zabel.

NABOR, *implorando la misericórdia divina*

Oh ! Padre nostro, che stai nei cieli,
 Santificato sia il nome tuo...

Marcello ascolta Nabor.

MARCELLO, *a Nabor*

Il tuo lamento m'ha disarmato...
 Il tuo desio io seguirò...

A Zabel.

Oro, amor, vita... credi ti darò...

ZABEL, fitando Marcello com olhar de odio

Ah! malvado! o teu ouro rejeito...
Eil-o aqui! sorve-o embora, carrasco!

Desprendendo o cordão que tem ao pescoço e deitando o aos pés de Marcello.

Teu amor... não o quero! No peito
Um só tive... que a ti... tenho-te asco!

Marcello quer precipitar-se sobre Zabel.

MARCELLO, a Zabel

Miseravel!...

NABOR interpõe-se, mas Marcello afasta-o violentamente
Marcello!...

Marcello procura apontar para Zabel, mas, como Nabor a protege com o seu corpo, Marcello desvia o velho com violencia, e é n'esse momento que aponta a clavinna sobre Zabel e desfecha.

ZABEL, ferida, vacillando e levando a mão ao peito.

É a morte!

Nabor corre a recebê-la nos braços. Marcello vendo Zabel ferida, deixa cair a clavinna e fica abstracto. Zabel prosegue em voz fraca:

Ao destino fatal não fugi!
É bemvindo... contra elle sou forte...
Só me peza... que não me conforte,
Ó meu Pedro! o morrer... junto a ti...

Ouvindo o nome de Pedro, os olhos de Marcello lampejam de odio.

NABOR

Se tal ventura
Te dá conforto,
O corpo aqui veiu parar...

Marcello escuta avidamente Nabor.

E ao pobre morto
Dei sepultura
N'este logar.

ZABEL, recobrando as forças
Aqui?

NABOR, apontando
Sob essa cruz.

ZABEL, vacillando e querendo approximar-se da gruta

Ó velho, ampara-me!

Vendo a cruz, manifesta immensa alegria. Marcello volta a cabeça e afasta-se um pouco para a direita.

Vamos! não sejas lento!
N'essa terra... que encobre o seu cadaver...
Quero gastar... o derradeiro alento...

Sustida por Nabor, encaminha-se a passos vacillantes para a cruz.

MARCELLO, contemplando-a com desespero

Tudo findou no sangue...
Ciumes infernaes!

ZABEL, fissando Marcello con odio supremo

Ah! malvagio: il tuo oro disprezzo...
Eccolo... quà... riprendilo, bandito...

Gettando il collare ai piè di Marcello con supremo disprezzo.

Il tuo amor non lo voglio... nel cuore
Ebbi un solo... ti sprezzo... t'abborro!

Marcello vuol precipitarsi su Zabel.

MARCELLO, a Zabel

Miserabil!...

NABOR, interviene, ma Marcello lo respinge con violenza
Marcello!...

Marcello vuol appuntar il fucile su Zabel, ma come Nabor la protegge col suo corpo, lo spinge violentamente ed in questo istante spara.

ZABEL, vacillante, le mani al petto

È la morte!...

Nabor la riceve nelle sue braccia. Marcello, vedendo Zabel ferita a morte, lascia cadere il fucile e rimane assorto. Zabel continua con voce morente:

Il destino non posso fuggir!...
Venga ei pur... contra lui sono forte...
Sol mi resta... un ricordo... ben triste...
Col mio Pedro... voleva... morir!

Marcello ascoltando il nome di Pedro, il guardo balena d'odio.

NABOR

Se tal ventura
Ti dà conforto,
Il suo corpo sapea trovar!...

Marcello ascolta avidamente Nabor.

E al pover morto
La sepultura
Qui potei dar!...

ZABEL, recuperando le forze
É qui?

NABOR, indicando
Sotto la croce...

ZABEL, vacillando e volendo avvicinarsi alla grotta
Ó vecchio, tu m'aiuta...

Vede la croce, manifesta immenso giubilo. Marcello, volgendo il capo, s'alontana un poco alla diritta.

Io qui ti veggo... e miro...
La terra che nasconde il suo cadavere...
Dove voglio... esalar... l'estremo spiro...

Appoggiata su Nabor, con passo vacillante verso la croce.

MARCELLO, con disperazione contemplandola

Tutto fini nel sangue...
Oh! gelosia fatal!...

De amor minha alma langue...
Ah! nunca, nunca mais!

Zabel afasta brandamente Nabor, como quem quer ficar só: encosta-se a umas rochas: Nabor desvia-se contemplando-a de longe. Marcello, abatido, esconde a cabeça entre as mãos.

ZABEL, junto da cruz

Bemdito, ó Deus! que me permittes
Beijar, morrendo, a terra santa,
D'onde a sua alma se levanta
Para impregnar-me em summos bens.

Ajoelhando lentamente.

Eil-a que envolve o meu espirito...
Que affoga em beijos meu martyrio...

Levantando-se.

Pedro, no tumulo e no empyreo...
Tua p'ra sempre... aqui me tens!

Suffoca-se repentinamente e cahe. O sol no seu occaso tinge de vermelho os cumes da serra.

MARCELLO, não se podendo conter, contempla Zabel e aproxima-se d'ella

Tudo findou no sangue!
Amor, amor fatal!

NABOR

Ó Deus! recolhe a triste
Na paz celestial!

Vendo a cahir, precipitam-se para ella; porém Nabor detem com um gesto Marcello: este pára.

CORO, muito ao longe

Eh-lá... Eh-lá...

Ó meu rebanho, corre veloz!

NABOR, tomando a mão de Zabel

Morta!...

A Marcello.

Do teu delicto
Afasta os olhos teus!

MARCELLO, curvando um joelho
Perdão!

NABOR, solenne

Foge, precito!
D'aqui te expulsa Deus!

Marcello, como apavorado, levanta-se: toma a clavina e afasta-se, subindo lentamente as penedias, volveo um olhar saudoso para o corpo inanimado de Zabel.

O PANNO DESCE DEVAGAR

D'amor quest'alma langue...
Oh! delitto infernal!...

Zabel allontana dolcemente Nabor come se volesse restar sola: apoggiasi ad una rocca: Nabor s'allontana contemplandola. Marcello abbattuto nasconde il capo fra le mani.

ZABEL, vicino alla croce

Grazie al Signore, che mi permette
Baciar morendo la santa terra,
Da dove l'alma sua mi disserra
Eterni cieli nel suo fulgor!

Inginocchiandosi lentamente.

E dessa involve tutto il mio spirito,
Di baci ingemme il mio martirio!

Alzandosi.

Pedro, nel tumulo e nell'empireo
Son tua per sempre, per sempre ognor!

Soffocandosi repentinamente, cade. Il sole al tramonto indora i culmini dei monti.

MARCELLO, non potendo contenersi, contempla Zabel avvicinandosi

Tutto fini nel sangue!
Amor... amor fatal!...

NABOR

Signor, a lei concedi
La gloria celestial!

Vedendola cadere si precipitano: ma Nabor detiene Marcello con un gesto: questo si ferma.

CORO, molto lontano

Eh-la!... Eh-la!...

Ed il mio armento, corre veloce!

NABOR, prendendo la mano di Zabel

Morta!...

A Marcello.

Dal suo cospetto
Ritraggi il guardo tuo!...

MARCELLO, in ginocchio

Perdon!...

NABOR, solenne

Va, maledetto!
Di qua ti scaccia Iddio!...

Marcello s'alza quasi pauroso: prende il fucile e s'allontana, montando lentamente il sentiero, gettando uno sguardo di compassione sul corpo di Zabel.

CALA LENTAMENTE LA TELA



A SERRANA

ACABOU DE IMPRIMIR-SE

a 24 de Fevereiro de 1899

NAS OFFICINAS DA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

TRAVESSA DO SACRAMENTO, AO CARMO, 3 a 7

LISBOA



